

Memórias que exigem respeitosa homenagem

O Dia

7/10/83

p.11

Pouco sei acerca da anunciada visita do presidente de Moçambique, Samora Machel, ao nosso País. Para além da certeza do convite, das datas aprazadas, das viagens preparatórias a esta e àquela banda dos dois continentes banhados pelo Atlântico e pelo Índico; outrora partes integrantes da Nação que fomos.

Li algures, também, que provavelmente o Chefe de Estado daquela República Popular permanecerá em Lisboa, deslocando-se, ainda, ao Porto e, eventualmente, a Coimbra. Programa que quase nada me diz. Pela simples razão de que, assim o sinto.

Apenas em termos meramente profissionais poderei ter alguma coisa a ver com a estada de Samora Machel no espaço físico que ainda somos. E isto, tão só, no caso de ser empenhado nos serviços de reportagem que, por certo, se tal for o caso, não hão-de deixar de me ser agenciados.

Contudo, ouse quebrar a quietude que em relação ao evento político me anima apenas para, em duas palavras singelas, lembrar a quem

de direito que se os nossos maiores se curvaram, em Maputo, perante a memória dos combatentes moçambicanos mortos em combate, idêntico acto de cortesia — chamemos-lhe assim — é devido aos Filhos de Portugal, ontem nossos companheiros de luta, heroicamete caídos nos matos daquele então território Luso.

E porque desconheço se em Lisboa ou Porto terá sido levantado o belisco ou estátua que perpetue no tempo, para as gerações vindouras, essa gesta, permito-me recordar — e quem sabe se não será também essa a intenção, de incluir Coimbra no roteiro presidencial — que a cidade do Mondego alberga, orgulhosamente, o seu monumento aos Heróis do Ultramar, obra magnífica de Mestre Cabral Antunes que retrata, com fidelidade impressionante, a missão em África do soldado português: em uma mão a arma defensiva, ao seu ombro, rosto sereno, a inocente criança, aquela, significativamente, um pequerrucho negro.

Daí o admitir, assim, a inclusão de Coimbra no programa da visita de Samora Machel ao que outrora, quando éramos grandes, se chamava, respeitosa e carinhosamente de "Puto". Porque a cidade ergueu memorial onde a pública homenagem poderá ser rendida. E a que assistirei, em serviço de reportagem, recordando ali, então também, apenas para mim, a nobilitante tarefa que um dia assumimos em terras do continente negro. E fá-lo-ei civilizadamente, tão civilizadamente quanto desempenhei a minha missão em Angola. Para repetir às consciências de alguns o orgulho que mantemos por, mais do que os poucos tiros, termos essencialmente ajudado ao cuidar e melhorar da vida de muitos. Apesar dos sacrifícios grandes mau grado, sobretudo, a perda de tantas vidas. Perante cujas memórias, ali, Samora Machel se deverá curvar. Respeitosamente.

A. Cabral de Oliveira